Papel e celulose: o Brasil tem tudo para deslanchar

MÁRCIO BUENO*

No final de 1993, o preço da tonelada de celulose de fibra curta caiu a US$350, o nível mais baixo desde 1926. Hoje ela vale quase US$1.000 no mercado internacional, e o setor planeja investimentos de US$13,2 bilhões para os próximos 10 anos.

Quem porventura tivesse notícia da situação aflitiva em que se encontrava o setor de papel e celulose no final de 1993 dificilmente iria supor que, menos de dois anos depois, suas lideranças no Brasil já estivessem empenhadas em viabilizar um ambicioso e detalhado plano de expansão. A meta é duplicar a capacidade de produção brasileira nos próximos 10 anos, com investimentos na área florestal e na área industrial de nada menos de US$13,2 bilhões.

No final do ano de 1993, no entanto, as indústrias de papel e celulose chegavam ao fundo do poço de uma crise sem precedentes, que começara três anos antes. O preço da tonelada de celulose de fibra curta, que é o tipo comercializado pelo Brasil no mercado internacional, entrou em queda livre até atingir o nível de US$350, "o valor mais baixo desde 1926", registra o presidente da Associação Brasileira de Exportadores de Celulose, Alfred Freund. Para efeito de comparação, basta constatar que, no início de 1990, a tonelada estava sendo vendida a US$790. Os preços chegaram ao pico como resultado de um aumento continuado da demanda na década de 80, o que excitou os investidores. Ocorre que os acréscimos de oferta resultantes das expansões encontraram os países desenvolvidos, principais mercados, em plena recessão. Uma das características do setor é esta — a alternância de períodos de baixa e de alta de preços. Um período de alta engendra investimentos em novas unidades fabris e florestais e em expansões agrícolas. O tempo de maturação é relativamente longo e em geral os acréscimos de oferta acontecem simultaneamente, o que causa a queda dos preços — maior ou menor, dependendo do nível de atividade econômica nos mercados consumidores.

Redução de pessoal, alienação de imóveis, diminuição da produção, mudança no perfil da dívida e tecnologias não-poluidoras ajustaram o setor.

Riocell, Aracruz e Bahia Sul já têm ISO 9002

Para atravessar o período de vacas magérrimas e atenuar o nível de endividamento, as empresas brasileiras tomaram medidas diferenciadas. Entre as mais comuns podem ser citadas a redução de pessoal, a alienação de imóveis não-operacionais, a redução do volume de produção, o alongamento do perfil da dívida e o desenvolvimento de tecnologias não-poluidoras, de forma a atender às necessidades dos clientes e às exigências ambientalistas. Como resultado dessa política, pelo menos três empresas já podem exibir a certificação de qualidade no modelo ISO 9002: Riocell, Aracruz e Bahia Sul.

Tão surpreendente, porém, quanto foi o ciclo de baixa está sendo a fase de recuperação. No início deste ano, empresas suecas e norte-americanas, analisando a cotação da tonelada de celulose — então a US$750 —, previam que o preço chegaria a US$850 por volta de 1996. Erraram. Em outubro de 1995 a celulose de fibra curta já atingiu US$970 e a tonelada da celulose de fibra longa, US$1.000. O dinheiro parece brotar dos pés de pinus e eucaliptos neste novo ciclo de expansão da demanda, o que vem multiplicando os planos de investimento.

Outro fator a animar o setor é a situação dos concorrentes norte-americanos, que estão amarrados às exigências da Agência de Proteção Ambiental. Os EUA, segundo a Associação Americana de Florestas e Papel (AFPA), deverão gastar de US$10 a US$14 bilhões nos próximos anos, boa parte dos quais destinados ao controle da emissão de poluentes no ar e nas águas. Essas quantias vultosas deixarão de ser empregadas na expansão e construção de novas unidades de produção. A previsão é de que os EUA só poderão crescer a uma taxa média anual de 1,9% até 1997, a mais baixa dos últimos 18 anos. Com base nestes dados, a revista *The Economist* prevê que os preços continuarão altos nos próximos anos e que, mesmo quando advier, o novo ciclo de baixa não será da mesma severidade que o anterior.

* Jornalista.

Produção brasileira já alcança 5,7 milhões de toneladas

O Brasil tem, portanto, caminho aberto pela frente. Aliás, nossa produção de celulose já vem apresentando desde 1971 um crescimento acelerado — 8,7% ao ano, em média —, bem acima da taxa mundial. Em 1994, a produção brasileira chegou a 5,4 milhões de toneladas, o que corresponde a 3,6% da produção do planeta. A produção de papel também cresce a uma taxa anual, desde 1971, bastante significativa: 6,9%. No ano passado, o Brasil produziu 5,7 milhões de toneladas, ou 2,1% da produção mundial. Do volume total de celulose produzido em 1994, 37,8% foram exportados para países de todos os continentes. A parcela de papel exportada corresponde a 25,3% do total.

O faturamento total de 1994, em papel e celulose, foi de US$5,6 bilhões, o que representa cerca de 1% do PIB brasileiro. O setor é bastante pulverizado — são 235 empresas, computando-se tanto as integradas (celulose e papel) quanto as voltadas exclusivamente para a produção de celulose. O setor emprega 66 mil trabalhadores na área industrial e 43 mil na área florestal. A principal empresa brasileira produtora de celulose é a Aracruz, sediada no Espírito Santo, cujo volume de exportações corresponde à metade das exportações brasileiras. A Aracruz conta com um sistema interligado de floresta plantada, indústria e porto privativo.

Apesar da vigilância que sofre, o setor só usa florestas plantadas e é responsável por apenas 6,4% do consumo total de madeiras no Brasil.

É com base num diagnóstico do setor e na constatação de seu extraordinário potencial que a Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC) está propondo um plano de duplicação da capacidade de produção até o ano 2005. Independentemente do plano, diversas indústrias já arregaçaram as mangas e estão colocando em execução seus projetos de expansão. São os casos, por exemplo, da Bacell (Klabin), que está investindo US$220 milhões; da Cenibra, US$793 milhões; da Aracruz, US$280 milhões; da Votorantim Celulose e Papel, US$198 milhões e da Veracruz (Odebrecht), US$1,3 bilhão.

No final de agosto, a direção da ANFPC foi recebida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, a quem encaminhou o estudo "A política de desenvolvimento do complexo celulose-papel: 1995-2005", sobre as perspectivas de investimento de US$13,2 bilhões em 10 anos. Durante o encontro, o presidente da entidade, Osmar Zogbi, afiançou: "Temos capacitação tecnológica e industrial para chegarmos ao nosso objetivo, repetindo nos próximos 10 anos o crescimento que tivemos nos últimos 20 anos".

Os custos da produção brasileira são menores

O entusiasmo dos representantes do setor, se carecesse de outras razões, teria plena justificação nos baixos custos do produto fabricado no Brasil. Considerando cada item componente dos custos, o Brasil apresenta vantagem competitiva em madeiras, energia e salários e desvantagens nos juros, transportes e portos, mas o saldo é amplamente positivo. A ponto de tornar a celulose brasileira colocada na Europa a de custo mais baixo entre sete países produtores, conforme dados divulgados pela *Risi Pulp and Paper Review*, citada pelo estudo da ANFPC. O Brasil coloca a tonelada de celulose de fibra curta na Europa ao custo de US$453 — o mais baixo —, enquanto o custo mais alto é o do produto português: US$550.

Caso a política industrial do governo venha a contemplar as reivindicações do setor, a vantagem do Brasil se ampliará ainda mais. E quais são as reivindicações? Entre outras, o equacionamento das condições de financiamento, com redução dos juros, apoio à implantação da base florestal, oferta adequada de infra-estrutura de transportes, portos, energia e telecomunicações, estímulo às exportações e tratamento tributário adequado. Para os empresários, se as desvantagens competitivas não forem equacionadas, acabarão anulando as vantagens.

Uma questão que ameaça entravar a inserção brasileira no mercado internacional são as regulamentações ambientais, que tendem a ser cada vez

Projetos de investimentos para o período 1995-2005
(em US$ milhões)

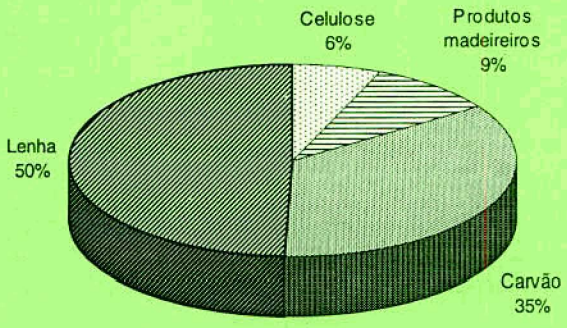
	Em execução	Planejados	Necessários	Total
Celulose e pastas	2.007	4.284	2.142	8.433
Papel	185	165	2.400	2.750
Atividade florestal		1.000	1.000	2.000
Total	2.192	5.449	5.542	13.183

Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. "A política de desenvolvimento do complexo celulose-papel: 1995-2005".

mais restritivas. Depois do setor químico, o setor de papel e celulose é o que tem atividades de maior impacto potencial sobre o meio ambiente. Apesar dos pesados investimentos em mudanças tecnológicas, na preservação das florestas, o estigma continua. No Brasil, estima-se que já foram gastos US$500 milhões no controle ambiental, valor que só pode ser considerado baixo se comparado com os gastos de países europeus e norte-americanos. As empresas têm que se adequar aos acordos internacionais, à Agenda 21, aos rótulos ecológicos, à norma inglesa BS7750, à ISO 14000, à ECO-Audit, à uniformização das regulamentações ambientais do Nafta e da União Européia. As indústrias brasileiras, especialmente as que dependem do mercado externo, estão num trabalho contínuo de mudança do processo de branqueamento da celulose, reduzindo as emissões, os efluentes e resíduos, promovendo a troca de equipamentos e tecnologias obsoletas e controlando a poluição remanescente.

Como o setor demanda um alto volume de recursos para atender às exigências ambientais, é evidente que as empresas que fugirem desse controle estarão em vantagem diante dos concorrentes. A criação dos selos e normas tem o objetivo de evitar que empresas dos países desenvolvidos, muito mais controladas, percam a competitividade no mercado. Mas os selos também podem ser usados como barreira protecionista, segundo alertam os especialistas. Dois casos são citados como exemplares, ocorridos com exportadores brasileiros de frutas. Num deles, para cancelar a importação do produto, a Bélgica alegou que a embalagem não tinha a composição de 50% de papel reciclado. No outro caso, a alegação foi de que o produtor não tinha conseguido provar que a madeira dos engradados provinha de floresta de exploração sustentável. Para evitar este tipo de distorções, o setor pleiteia a intervenção firme da diplomacia brasileira.

Consumo de madeira no Brasil
282 milhões m³/ano



Fonte: Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS).
In: Fatos & Números 1995. Aracruz Celulose S/A.
Ano base: 1993.

As condições do clima e do solo e o desenvolvimento tecnológico fazem com que a produtividade brasileira seja cinco vezes superior à de outros produtores.

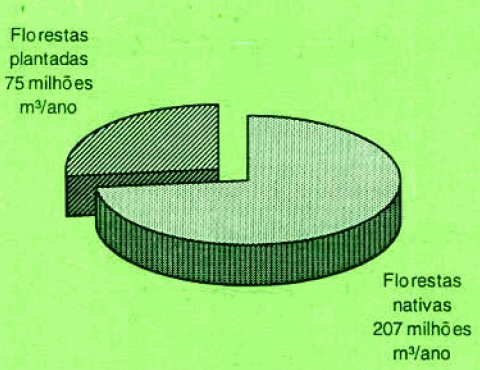
Como a celulose é a pasta de madeira usada na fabricação de todos os tipos de papel e papelão, deduz-se que o setor é um voraz devorador de florestas. E aqui o Brasil fica exposto às acusações de que a celulose brasileira é feita com floresta nativa, especialmente da mata amazônica. Nada mais falso. As indústrias brasileiras usam como insumo somente florestas plantadas. São 866 mil hectares de eucalipto, 527 mil hectares de pinus e 29 mil de outros tipos de madeira. Além de se abastecer unicamente de florestas plantadas, o setor de celulose é responsável por apenas 6,4% do consumo total

Custos de produção de celulose de fibra curta — 3º trimestre de 1994
(custo em US$/t posta na Europa)

	Brasil	EUA Sul	Canadá	Finlândia	Suécia	Portugal	Chile
Madeira	93	108	136	230	225	185	136
Energia	10	18	25	4	11	16	9
Químicos	34	53	42	39	39	40	51
Trabalho	18	36	53	37	37	39	23
Transporte	72	67	59	40	35	40	60
Outros	41	49	43	21	37	58	29
Custo variável	268	331	358	371	384	378	308
Administração	33	38	45	38	40	57	34
Depreciação	85	67	48	57	42	60	87
Juros	67	44	48	60	44	55	50
Custo total	453	480	499	526	510	550	479

Fonte: *Risi Pulp and Paper Review*. In: A política de desenvolvimento do complexo celulose-papel: 1995-2005. ANFPC, 25 ago. 1995.

Tipos de florestas consumidas



Fonte: Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS). In: Fatos & Números 1995, Aracruz Celulose S/A. Ano base: 1993.

de madeira no Brasil, segundo dados da Sociedade Brasileira de Silvicultura. Praticamente a metade é usada como lenha, sobretudo pelas milhares de padarias e cerâmicas espalhadas pelo país. O que mais preocupa é que, do consumo anual de 282 milhões de m^3, somente 75 milhões são oriundos de florestas plantadas — o grosso do consumo é de florestas nativas.

Capitais externos querem investir no Brasil mas esperam a consolidação da estabilidade econômica e política do país.

Como já observamos anteriormente, a madeira é um dos itens da composição de custos que mais contribuem para a competitividade do Brasil. E sem dúvida o eucalipto, com sua extraordinária adaptação ao solo e ao clima brasileiros, é o ator principal desse desempenho. Apesar de ter chegado ao país por volta de 1825, como planta ornamental — sua origem é a Austrália e a Indonésia —, o eucalipto só começou a ser utilizado como matéria-prima pela indústria de celulose a partir da década de 50 deste século. E hoje o Brasil já se tornou o líder na produção da celulose que tem essa madeira como insumo. Sua principal vantagem é a rapidez de crescimento. Em apenas sete anos atinge 35m de altura e está pronto para o corte. Na África do Sul, o tempo é de 8 a 10 anos; em Portugal, de 12 a 15 anos; e na Suécia e Finlândia, que usam a bétula para a produção de celulose de fibra curta, o tempo de formação é de 35 a 40 anos. Some-se à produtividade natural o permanente desenvolvimento tecnológico do setor e o Brasil chega a alcançar índices de produtividade, por hectare plantado, cinco vezes superiores aos de tradicionais produtores de celulose.

As pragas a que as florestas estão sujeitas, especialmente a formiga, podem ser controladas hoje com facilidade por produtos não-poluentes, que se degradam no solo em pouco tempo, atendendo plenamente às exigências ambientais. É o caso dos produtos que contêm sulfluramida, uma substância química de última geração desenvolvida nos EUA e que vem sendo trabalhada e comercializada no Brasil por uma *joint venture* das empresas brasileiras Agroceres e Fertibrás e da norte-americana Griftin.

Enfim, o Brasil está pronto para a decolagem no setor de papel e celulose. As previsões de que o ingresso na era da cibernética, a profusão do uso do computador, tornariam obsoleto o uso do papel não se confirmaram. O impacto do computador só fez crescer o consumo de papel de imprimir e escrever, os papéis para impressoras e faxes. "A globalização da economia exige uma postura mais agressiva de *marketing*, com malas diretas, com as empresas tendo que se corresponderem com o mundo todo — tudo isso aumenta o consumo de papel", verifica Ângela Macedo, gerente setorial de papel e celulose do BNDES.

Para finalizar, se não forem suficientes todos os indicadores da excelente fase por que passa o Brasil, bastaria constatar que o BNDES recebe cada vez mais sinais de investidores externos. "Há muita disponibilidade de capitais externos para investir em nossa indústria", informa Ângela Macedo. "Os investidores só estão aguardando a consolidação da estabilização econômica e política do país."

Os números do setor

Posição mundial
- 7º produtor de celulose
- 11º produtor de papel
- 3º exportador de celulose
- 2º exportador de celulose de fibra curta
- líder na exportação de celulose de eucalipto

Produção em 1994
- 5,4 milhões de toneladas de celulose, ou 3,6% da produção mundial
- 5,7 milhões de toneladas de papel, ou 2,1% da produção mundial

Faturamento em 1994
- US$5,6 bilhões, ou 1% do PIB

Parcela exportada em 1994
- 2 milhões de toneladas de celulose
- 1,4 milhão de toneladas de papel

Faturamento das exportações
- US$1,8 bilhão, contribuindo com 12% para o superávit comercial brasileiro
- 235 empresas, operando 268 unidades industriais em 17 estados
- 109 mil empregos diretos, sendo 66 mil na indústria e 43 mil na atividade florestal

Área de florestas
- 1,4 milhão de hectares de florestas plantadas, sendo:
  - 866 mil hectares de eucaliptos
  - 527 mil hectares de pinus
  - 29 mil hectares de outros tipos de madeira